

DEFICIÊNCIA VISUAL E ENSINO SUPERIOR - OS DESAFIOS DO ALUNO (*)

As informações a seguir foram baseadas na experiência de Carlos de la Cruz Júnior, 21 anos, estudante do segundo semestre de Pedagogia da Faculdade de Educação - FE/USP, a partir de suas vivências de vestibular, processos seletivos em algumas universidades, sendo um aluno que possui deficiência visual. Em relação ao que existe em algumas universidades, ressalta pontos importantes, não apenas para alunos, mas para profissionais e estabelecimentos de ensino:

FUVEST: opção de prova em Braille (de excelente qualidade) ou com auxílio de leitor (profissional não necessariamente ligado à Educação). Também há professores à disposição para eventuais esclarecimentos específicos de cada área do conhecimento que é exigida na prova (Português, Matemática, Química, outros);

USP: Num âmbito geral, possui atualmente o USP Legal (programa voltado à plena inclusão de professores, funcionários e alunos com deficiência, que assessora as Faculdades e demais departamentos da Universidade) e a Rede Saci (canal de difusão de informações sobre deficiência, que atua junto à comunidade);

Faculdade de Educação da USP: No âmbito específico da FE/USP podemos destacar o laboratório de informática, que possui algumas máquinas equipadas com o Virtual Vision, software que lê as telas do Windows e do pacote Office e que possibilita a navegação na Internet, o envio de informações aos alunos sobre as atividades na Faculdade via e-mail, o site da Faculdade, o qual oferece informações sobre os eventos da Faculdade (inclusive possibilitando inscrições on line neles), além das iniciativas individuais dos professores, como Blogs, que divulgam informações sobre as disciplinas, e até um "Portal", de Sociologia da Educação, talvez a principal experiência de inclusão da Faculdade. Nesse portal, os alunos preenchem a lista de presença, têm acesso aos textos relativos à disciplina, e publicam os trabalhos solicitados pelo professor. O formato do site lembra muito o da Enciclopédia Virtual Wikipedia (claro que guardadas as devidas proporções);

CAAD/UNICID (Centro de Apoio Acadêmico aos Deficientes - Universidade Cidade de São Paulo): Uma experiência pioneira entre as universidades particulares. O CAAD presta auxílio aos alunos com deficiência visual da Universidade e também a deficientes em geral, da comunidade.

Dificuldades...

Mesmo com toda a iniciativa das universidades citadas acima (e outras não citadas), algumas dificuldades ocorrem, comprometendo a entrada do candidato na universidade.

Faltam ainda algumas adaptações, discussões e acertos em relação à prova. Muitas provas contêm "pegadinhas visuais". Aliás, a linguagem da prova é basicamente visual. Esse fato não atrapalha o candidato deficiente visual só em Bio-exatas, como seria previsível. Em Língua Portuguesa, por exemplo, na parte de Interpretação de textos, em que para o candidato com deficiência visual voltar ao texto em Braille, verificar cada alternativa e, em seguida, retornar à questão novamente, necessita de um tempo maior de prova que, muitas vezes, extrapola os 25% a mais do tempo comum oferecidos por algumas universidades.

Nem todo candidato com deficiência visual possui habilidade para ler rapidamente um texto em Braille, mas ele pode se adaptar melhor com a tecnologia de um computador, podendo realizar as provas desta maneira, como aconteceu com Carlos em uma determinada universidade. Ele realizou o vestibular em um computador, ao lado de um fiscal.

Outra questão de acessibilidade para realização de provas de vestibular é em relação ao leitor das provas, que muitos não têm preparo para essa tarefa. O candidato que não domina o Braille ou não enxerga o ampliado suficientemente precisará de um leitor. Em uma prova de química, como Carlos relata, o leitor leu "letra h com tracinho e bolinha", para uma questão em que se tratava de Hidrogênio com ligação química e a "bolinha" era um átomo. Comenta que demorou um tempo para "traduzir" o que estava sendo lido para poder responder a pergunta.

A proposta de Carlos e de muitos outros estudantes é de ser estudado o tempo de realização das provas, para compensar o atraso, cientificamente, por uma comissão em que faça parte algum aluno ou alguma pessoa com deficiência visual.

Na Universidade, como aprendizado do aluno quando já se está matriculado, ainda faltam algumas adaptações, discussões e acertos também em relação a equipamentos e recursos, para que o aluno tenha condições de usufruir uma qualidade de ensino que necessita, e que lhe é de direito.

Como exemplo,

- Conversão de textos e demais leituras que são solicitadas a formatos acessíveis (Braille, áudio, arquivo de computador) já à disposição dos alunos, mediante programação já efetuada pelo curso;

- Aquisição de equipamentos, tais como impressoras e máquinas Braille, conforme a demanda e empréstimo para que o aluno com deficiência visual os utilize dentro da universidade (por exemplo, um computador equipado com software apropriado em sala de aula);
- Sinalização em Braille com os números das salas e nomes dos departamentos.

No entanto, não podem ser esquecidos alguns “requisitos” importantes para que o aluno possa ser beneficiado e estar dentro de alguns contextos de ensino, como:

- O aluno deve dominar as diversas simbologias Braille (matemática, informática), conforme o curso ou deve conhecer o computador, usar a Internet, e-mail, editar textos ou contar com gravadores e/ou pessoas que o auxiliem.
- O aluno deve informar o professor e/ou a universidade sobre as dificuldades e, caso seja necessário, reivindicar uma solução possível da universidade, se esta não o atender como deve.

(*) Suely Carvalho de Sá Yañez
Terapeuta Ocupacional
Especialista em Orientação e Mobilidade
E-mail: <mailto:suelydesa@hotmail.com>

NOTA: Com certeza esse tema não se esgota aqui. Para maiores detalhes ou dúvidas sobre os assuntos abordados nesta matéria, entre também em contato com:

Carlos de la Cruz Júnior
Estudante de Pedagogia - FE/USP
MSN/ E-mail: <mailto:carlos.delacruz@ig.com.br> /ICQ: 54052666